

## **Experiências formativas com produções audiovisuais nos ensinos técnico profissional presencial e remoto<sup>1</sup>**

Maria Radilene Lopes GOMES<sup>2</sup>

Denise Santiago FEITOZA<sup>3</sup>

Edilane Carvalho TELES<sup>4</sup>

Universidade do Estado da Bahia, Juazeiro, BA

### **RESUMO**

O presente artigo tem como escopo refletir a complexidade dos percursos das produções audiovisuais nas práticas pedagógicas dos ensinos presencial e remoto. Para tanto, analisa a necessidade das instituições em acompanhar os avanços tecnológicos e as linguagens utilizadas nos conteúdos e currículos, os quais evidenciam inúmeros obstáculos quanto a apropriação e usos dos meios: bases formativas, inclusão das tecnologias e mídias, acesso e disponibilidade de equipamentos, aceitação dos docentes e recepção dos estudantes; parte de observações em projetos no Ensino Técnico Profissional, com vistas a investigar os percursos implementados. De metodologia qualitativa, busca conhecer os modos como essas experiências são realizadas e compreendidas quanto aos usos dessas linguagens no cenário educacional.

**Palavras-chave:** Experiências. Produções Audiovisuais. Práticas pedagógicas. Ensinos Presencial e Remoto. Ensino Técnico Profissional.

### **Introdução**

Este estudo é um convite à reflexão docente sobre a prática didático-pedagógica associada às produções audiovisuais no contexto da educação formal, utilizando-as como meio e auxílio no processo de ensino-aprendizagem em cursos técnico- profissionais em uma escola da rede estadual da Bahia, relacionado às observações no contexto da instituição e turmas do ensino médio nos projetos realizados e, parte dos resultados de

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Comunicação e Educação, XXI Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Especialização em Ensino de Língua Portuguesa pela Universidade Candido Mendes, Brasil (2016). Professora da Secretaria de Educação do Estado da Bahia. Mestranda do PPGESA - Pós-graduação em Educação, Cultura e Territórios Semiáridos, DCH III/UNEB. E-mail: [m.radiwine@gmail.com](mailto:m.radiwine@gmail.com)

<sup>3</sup> Especialização em Gestão e Coordenação pela Universidade de Pernambuco, Brasil (2018). Coordenador de polo da Universidade Aberta do Brasil. Mestranda do PPGESA - Pós-graduação em Educação, Cultura e Territórios Semiáridos, DCH III/UNEB. E-mail: [deniafra@hotmail.com](mailto:deniafra@hotmail.com)

<sup>4</sup> Docente do curso de Pedagogia da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Campus III. Doutora em Comunicação pelo Programa de Pós-graduação em Ciências da Comunicação (PPGCOM/ECA/USP) / Área de concentração III: Interfaces Sociais da Comunicação. Docente permanente do PPGESA. E-mail: [ecteles@uneb.br](mailto:ecteles@uneb.br)

uma pesquisa sobre o ‘Ensino remoto na educação básica’<sup>5</sup>. Embora essa possibilidade construtiva e de formação não seja algo novo, no período da pandemia, ocasionada pelo Covid-19, foi ainda mais evidenciada e tornou-se necessária, exigindo dos docentes e discentes uma relação cotidiana mais ‘habilidosa e eficiente’, por assim dizer, com as tecnologias e as mídias para proporcionar um percurso de ensino satisfatório quanto às aprendizagens discentes e a qualidade das proposições formativas docentes.

Nesse sentido, a associação acima supramencionada de realização de projetos com produções audiovisuais possibilitou que o ensino remoto pudesse ser ofertado a um considerável número de estudantes, e assim continuar com as atividades escolares, mostrando ao corpo docente e discente que o formato proposto configura-se em uma possibilidade válida na promoção das atividades de formação e produção de conhecimentos com os conteúdos do currículo formal, os quais devem se fazer presentes, ampliando as elaborações e usos mesmo que o ensino presencial seja retomado em sua totalidade.

Muito antes que a possibilidade de vivermos uma pandemia fosse concebida, o trabalho com as produções audiovisuais no âmbito escolar, ainda era desenvolvido de forma muito tímida e rara, apesar das muitas pesquisas realizadas nos últimos decênios (CITELLI, 2014; FERRÉS, 1998; NAGAMINI, 2004; PRETTO, 2013). Os contatos com essas linguagens e sua inserção nos componentes curriculares e seus conteúdos encontravam (ainda encontram) muita resistência e limitações de uso e apropriação docente quanto aos modos de inclusão nas práticas de ensino. No contexto da experiência, bem como em outros, as poucas ocasiões que eram utilizadas tinham a finalidade de transmitir determinadas informações, dados ou conteúdos específicos das áreas de conhecimentos, as quais eram, muito frequentemente, armazenadas ou não, sem que de fato se avaliasse o efeito dessas linguagens no ensino e aprendizagem do conteúdo “trabalhado” e/ou produzido.

Desta forma, o ensino associado às produções audiovisuais ressurgiu, neste momento, com maior ênfase, pois a pandemia obrigou as instituições de ensino público e privado a suspenderem as aulas presenciais com o propósito de evitar um maior contágio

---

<sup>5</sup> Pesquisa realizada pelo Grupo de Pesquisa Polifonia - Observatório de Educação e Comunicação, do Departamento de Ciências Humanas, Campus III, da Universidade do Estado da Bahia.

por meio da comunidade escolar. Assim, num contexto de caos instaurado, as escolas debruçaram-se em busca de possibilidades para continuarem oferecendo ensino aos seus alunos, a fim de que não fossem prejudicados e o meio encontrado foi o remoto.

O formato emergencial e diverso da modalidade de educação a distância, tinha como ‘suporte’ equipamentos tecnológicos e da informação, assim já se pode concluir que as instituições públicas ficariam em substanciais desvantagens, uma vez que não dispõem dos recursos mínimos exigidos, como computadores, câmeras, *notebooks*, serviço de conexão de alta velocidade e qualidade, bem como, o poder aquisitivo dos alunos matriculados, o qual não dá para atender, sequer, às demandas primordiais como a alimentação e, muito menos, as despesas de acessos à internet.

Assim, diante do cenário descrito, o ensino foi iniciado remotamente com as escolas particulares largando na frente e inserido, entre os recursos de ensino, as produções de áudio e vídeo, como meios principais para a continuidade das formações. O presente estudo parte do levantamento e investigação das bases de formação dos docentes, em seguida a necessidade de inclusão e ampliação das tecnologias e mídias nas práticas pedagógicas, analisando ainda os acessos e disponibilidades de equipamentos, ou melhor, a ausência e as dificuldades de aceitação dos docentes para a disposição à formação continuada com relação a apropriação e usos, no propósito de uma melhor recepção dos estudantes.

### **Experiências nos Ensinos técnicos profissional presenciais e remotos**

- **Ensino Presencial no Técnico Profissional**

Quando ensino presencial ainda era uma realidade, sem nenhuma sombra de uma possível pandemia, na experiência aqui em destaque, foram criadas oportunidades de utilização de recursos audiovisuais no ensino-aprendizagem com algumas turmas do ensino médio, como forma de ilustrar algo relacionado ao conteúdo que estava sendo trabalhado ou com o fim de suscitar discussões a partir dos vídeos, porém ainda era um trabalho tímido e de certo modo, também limitado e ‘engessado’.

Assim, sem ter participado de uma formação (inicial ou continuada), para a utilização, compreensão e desenvolvimento de habilidades adequadas para um trabalho mais eficiente com tais meios, a docente da experiência em destaque foi convidada a

lecionar no Ensino Técnico Profissional - EPT o qual nos possibilitou desenvolver parte do presente estudo.

O EPT tem como objetivo proporcionar ao estudante uma formação qualificada e adequada à sua inserção em determinadas áreas do trabalho, desenvolvendo as competências necessárias e exigidas pelo mercado profissional, com acréscimos de novos conhecimentos e/ou expansão dos saberes-fazeres que já traz consigo.

O curso é ofertado no Colégio Modelo Luís Eduardo Magalhães, em Juazeiro-Ba, e está vinculado ao eixo de Cultura e Design. Foi instituído no ano de 2018 com as ofertas iniciais de Técnico em Dança, Técnico em Instrumentos Musicais e Técnico em Produção de Áudio e Vídeo, sendo este a modalidade que as produções audiovisuais tiveram maior evidência e estabeleceram interface com as disciplinas de Oficina de Roteiro, Oficina de Escrita e Linguagem Audiovisual.

Na busca pelo entendimento das produções audiovisuais, de suas funções e alcance; percebeu-se no decorrer das atividades, o grande potencial que elas têm para ser explorado como proposição de ensino, reflexão e identidade, além de se mostrar como uma possibilidade contemporânea, de longo alcance, de fácil produção (mesmo no improviso), de aceitação e que representa também uma evolução tecnológica e midiática, da qual a escola, como instituição formadora, não pode deixar de estar inserida e, conseqüentemente, de acompanhar, proporcionando aos seus estudantes o contato com essas linguagens que são incorporadas nas práticas sociais e educacionais cada vez com maior frequência. Pensando justamente na escola e sobre a inserção de novas práticas, PRETTO (2013, p. 122) afirma que

Uma escola que possa superar a atual, ainda calcada nos velhos paradigmas da civilização em crise e que não conseguiu solucionar os problemas propostos pela própria modernidade. Uma escola fundamentada apenas no discurso oral e na escrita, centrada em procedimentos dedutivos e lineares, praticamente desconhecendo o universo audiovisual que domina o mundo contemporâneo. A escola não pode desconhecer esta realidade que se aproxima com o novo milênio e, muito menos, caminhar em sentido oposto ao que ocorre do lado de fora dos seus muros.

Nas aulas do ensino técnico presencial, depois de algumas atividades, de escutas e debates resultaram produções textuais propostas pelos alunos, as quais traziam as demandas de seus cotidianos, de seus contextos. Esses textos foram transformados em

produtos audiovisuais, especificamente curta-metragens, que traziam temáticas muito importantes e atuais, como, por exemplo, relações abusivas, suicídio, violência doméstica, entre outros. Assim, foram temáticas que emergiram sobre e a partir das realidades discentes, o que evidenciou outro aspecto ainda não discutido e pouco conhecido nas escolas, a educomunicação e os potenciais dos projetos de intervenção, como estes realizados.

Os curtas produzidos participaram de festivais estudantis, sendo um deles o vencedor na regional de Juazeiro-BA e também fomentaram rodas de debates, palestras, aulas e discussões dentro da comunidade escolar. Nesse contexto de interação e usos das tecnologias disponíveis, ainda é possível observar que

[...] O acesso às Novas Tecnologias da Informação e Comunicação (NTICs) torna-se cada vez mais presente, proporcionando aos jovens experiências lúdicas e de aprendizagem mais atrativas que o método formal de ensino adotado pelas escolas. E, nesse contexto, o estudante tem a possibilidade de, além de receptor de conteúdos diversos, exercitar a autoria, uma vez que pode estabelecer espaços próprios de comunicação e, a partir deles, interagir com outros jovens e também com adultos. (HASLINGER, SAGGIN e ALBUQUERQUE, 2017, p. 90)

É importante salientar que por meio das produções em questão foi possível desenvolver diversas competências, entre elas, a leitura, escrita, edição de vídeo, produção, direção, sonorização, interpretação, trabalho colaborativo e integrado; além de (re)conhecer e refletir sobre os problemas a partir de seu ponto de vista, localizados em seu cotidiano, tudo feito de maneira divertida, lúdica e colocando os alunos em posição de protagonistas, em consonância com a citação acima.

- **Ensino Remoto no Técnico Profissional**

O ensino no início de 2020 se dava de forma convencional, até que em março, em virtude da pandemia, as aulas tiveram que ser suspensas para evitar um maior contágio. Depois de quase um mês esperando um retorno às aulas presenciais, foi percebido que a pandemia não seria resolvida tão rapidamente, sendo necessário repensar maneiras de dar continuidade ao ensino nesse contexto, onde a aproximação física num mesmo ambiente, como a sala de aula, não era permitida.

Assim, diante do cenário mencionado, as tecnologias da informação e comunicação (TIC's) apresentaram-se como possibilidade para dar prosseguimento ao processo de ensino-aprendizagem e foi por esse caminho que a educação adentrou. Porém, nem todos os segmentos educacionais conseguiram caminhar com a mesma velocidade, tampouco incluir todos os estudantes, pois algumas barreiras (re)surgiram de forma escancarada, como a dura realidade, que contraria a ideia da existência de uma geração de jovens dotada de saberes tecnológicos e das informações, a qual dispõe de fácil acesso a internet e de professores que necessitam de formação para lidar com as TIC's.

A proposta do ensino remoto foi colocada em prática inicialmente pelas escolas particulares que investiram nos melhores provedores e serviços de internet, equipamentos apropriados e necessários para a produção das aulas e, muitas vezes, em cursos de formação direcionados ao uso de tecnologias que seriam utilizadas em tal modalidade.

A rede de ensino público em muitos estados e, especial na Bahia, no que se refere ao ensino técnico profissional, só foi retomado remotamente em março de 2021, sem qualquer investimento em equipamentos tecnológicos e/ou de serviços de internet, deixando os professores e alunos sujeitos às suas limitações formativas, de equipamentos tecnológicos e acesso à internet. E foi nessas circunstâncias que o ensino remoto foi iniciado e muitos docentes recorreram às produções audiovisuais como recurso de ensino aprendizagem para complementar suas aulas e reforçar a explicação de conteúdos e como exemplificações visuais.

No formato remoto foi preciso repensar determinadas práticas e flexibilizar as aulas, de modo que elas também pudessem estar disponíveis àqueles, que por alguma razão, não puderam estar presentes no contato assíncrono, e a solução para muitos foi a aula gravada. Estas exigiam um cuidado maior com a aparência, o ambiente e de conhecimento de edição, disponibilidade de certos equipamentos e de considerável qualidade no serviço de acesso à internet. Todas essas demandas deixaram muitos professores inseguros, inquietos, exaustos, com os nervos à flor da pele e relutantes em aderir.

### **Bases formativas: desbravando as novas práticas**

As invenções, a criatividade e o improviso nas produções audiovisuais são as verdadeiras aliadas dos docentes no cenário hodierno, que no intuito de proporcionar

maiores interações entre sala de aula virtual, sala presencial, metodologias e discentes, desafiaram constantemente quanto à produção dos meios para o seguimento das ações laborais e continuidade do ensino. Todavia, produzir, gravar e editar não fazem (ou fizeram) parte da formação inicial e continuada de professores, tarefas assim, exigem *expertise* específica do campo comunicacional, nada fáceis e muito menos práticas, quando relacionadas ao arcabouço teórico-metodológico dos profissionais da educação. A priori, para professores da rede pública de ensino que compõem um quadro pouco abastado de recursos tecnológicos em seus ambientes escolares e particulares, com escassos investimentos de materiais, de acessos e dispositivos tecnológicos, complicou ulteriormente. Se antes, o potencial dos meios e produções audiovisuais eram subestimados em potencial, hoje é evidente que sem eles o distanciamento e a continuidade da educação daqueles que têm ou obtiveram acesso, seria ainda mais difícil. Freire (2011, p.71-72) nos diz que:

O uso dos meios, de um lado, desafia, mas, de outro, possibilita uma amplitude da criatividade dele e do educando. O problema é que as escolas estão sempre muito atrasadas com relação ao uso da tecnologia, dos instrumentos, por *N* razões, até por falta de verba, em países como o nosso.

Mesmo diante das adversidades enfrentadas pelas escolas/professores, os produtos audiovisuais ressurgiram de forma ainda mais contundente, quer seja como parte das novas práticas pedagógicas, como também em forma de mediação, avaliação e desenvolvimento do protagonismo docente/discente e da necessidade de novas metodologias nas diversas modalidades de ensino, aspecto de difícil interação; mas que mudou completamente por meio dos diálogos estabelecidos até o momento.

Isto posto, a escola neste cenário pandêmico não teve como se desvencilhar do contexto midiático e de suas propostas curriculares embasadas nos conceitos de educar com, para e pelas mídias e tecnologias. Dessa forma, é necessário que a conscientização sobre a utilização, criação de informação e o cumprimento dos direitos humanos seja alicerçado como princípio na inserção dos meios de comunicação, nas produções audiovisuais e sua propagação.



Na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), por exemplo, ao que diz respeito à cultura digital é apresentada como recomendação que o aluno seja capaz de:

Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva. (BRASIL, 2021, p.9)

A apropriação de uma educação midiática e tecnológica aliada a ressignificação da práxis pedagógica pelos docentes não tem sido tarefa fácil, quer seja pela falta de habilidades com os meios tecnológicos, quer pela resistência da inserção mídia/tecnologia, ou pelo excesso de formações exaustivas que em nada contribuem para uma preparação contínua profissional ou, ainda, pela falta de uma interação embasada na construção de uma comunicação pautada na transmissão do conhecimento e desenvolvimento/cumprimento dos objetivos dos processos de ensino-aprendizagem.

No que concerne aos educadores, é a flexibilidade, a criticidade e a paciência que lhes é incumbida diante das adversidades impostas nos últimos anos, as quais abriram portas para além dos problemas já enfrentados na educação; forçando-os à assumissem um cumprimento curricular, emocional e intelectual diante da orientação de seus alunos e no desdobramento das novas funções corriqueiras como: produção de vídeos, feedbacks, assimilação e na organização das devolutivas e avaliações que elencam numa sucessão de caminhos.

As coisas acontecem, mas nem são definitivamente incluídas nem decisivamente excluídas; vagamos com a correnteza. Cedemos de acordo com a pressão externa ou fugimos e contemporizamos. Há começos e cessações, mas não há inícios e conclusões autênticos. Uma coisa substitui outra, mas não a absorve nem a leva adiante. Há experiência, porém ela é tão frouxa e discursiva que não é uma experiência singular. É desnecessário dizer que tais experiências são inestéticas. (DEWEY, 2010, p. 116)

Adentrando numa educação sistematizada na tecnologia, como é o ensino a distância, e na configuração da comunicação educativa que tem papel ímpar no exercício do diálogo e na formação de cidadãos entre as interrelações professor-aluno Kaplún (2011) ressalta que a comunicação tem sinônimo de conhecimento e o problema não se



encontra apenas na compreensão, mas também na expressão; enfatizando assim, que o educar é baseado no envolvimento de diversos fluxos comunicativos e suas interações, e estas por sua vez, devem estar abertas e postas à disposição dos educandos. A respeito do emprego dos meios de comunicação e os tecnológicos no sistema educativo,

No que diz respeito ao emprego de meios na educação, bem-vindos sejam, desde que aplicados crítica e criativamente, a serviço de um projeto pedagógico, ultrapassando a mera racionalidade tecnológica; como meios de comunicação e não de simples transmissão; como promotores do diálogo e da participação; para gerar e potencializar novos emissores mais que para continuar fazendo crescer a multidão de receptores passivos. Enfim, não meios que falam, e sim meios para falar. (KAPLUN, 2011, p.184).

É notório no decorrer dos tempos que muitas práticas deixam de ser simplesmente práticas inovadoras ou incipientes para tornarem-se partes cotidianas em transformação nos ambientes de ensino; como é o caso das produções audiovisuais que apresentam para além de uma imagem e áudio, um complexo de linguagens, narrativas e cultura que dizem, e muito, sobre a nossa sociedade contemporânea, retratando fatos cotidianos e de impactos sociais no teor de uma linguagem simples, objetiva e de fácil compreensão social.

Dessa forma, suas contribuições estão para ademais de uma amostra empírica, uma vez que suas potencialidades vão desde a formação criativa da aprendizagem à motivação, por criações e experiências construídas no ‘calor do momento’, mas que têm deixado marcas e construtos que podem colaborar com mudanças longamente desejadas na interação e imbricamento do campo educacional com o comunicacional, atravessados, implicados e sustentados com as tecnologias e dispositivos eletrônicos, sem, contudo, ignorar sua presença no mundo e a necessidade de inclusão nos currículos, pode-se afirmar que o processo de mudança, por mais difícil e doloroso que seja o momento, iniciou.

### **Considerações finais**

É possível observar que o cenário contemporâneo contribuiu de forma contundente para o ressurgimento da massificação das produções audiovisuais, e em

especial no sistema educacional e comunicacional brasileiro. Trazendo à tona práticas pedagógicas não esquecidas, mas consideradas ultrapassadas por alguns docentes e simpatizantes de novas metodologias. Em seus estudos e considerações de Baccega (2011, p.31, grifo do autor) nos diz que “A constituição do novo nunca se poderá dar sem que os *resíduos* do *velho* estejam presentes. A ruptura total nunca ocorre”.

Contudo, ainda é visível a resistência de muitos docentes na aceitação das tecnologias, mesmo diante do panorama e da perspectiva que temos em relação à educação no país e sua possível sistematização do ensino, que em nada parece evoluir em relação a investimentos e organização da matriz curricular escolar. Dando ainda mais espaço para preocupações como domínio e inserção das tecnologias, vulnerabilidade e meios para a mediação escolar que contemple as especificidades de alunos e professores.

Por meio dos audiovisuais, no Ensino Remoto, tornou-se possível uma maior interação entre professores e alunos, assim como a disseminação de uma linguagem mais objetiva e centralizada no processo de assimilação e de ensino-aprendizagem, como também, possibilitou na interface de práticas educacionais permitindo o acesso de temáticas diversas que englobam as situações e dificuldades corriqueiras da sociedade.

Todavia, nos revela que nosso sistema de ensino ainda encontra-se falho e ultrapassado diante das exigências burocráticas, e que em nada acompanham a evolução tecnológica, social, emocional e educacional dos indivíduos da qual é responsável.

Desenvolver assim, práticas que envolvem as produções audiovisuais é lidar com a criticidade, com a mídia, com a linguagem, com a reflexão, com a comunicação e com o conhecimento prévio e adquirido. Dessa forma, para que todo o seu emaranhado positivo acompanhe um processo de ensino e aprendizagem baseado na autonomia e protagonismo de seus envolvidos, faz-se necessário que programas de políticas públicas saiam do papel e deixem de ser simplesmente formações continuadas e tornem-se práticas reais embasadas em apoio e acolhimento de seus sujeitos.

## REFERÊNCIAS

BACCEGA, Maria Aparecida. Comunicação/educação e a construção de nova variável histórica. In: CITELLI, Adílson Odair; COSTA, Maria Cristina Castilho. **Educomunicação: construindo uma nova área de conhecimento**. São Paulo: Paulinas, 2011.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Curricular Comum Nacional**. In: [http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_EI\\_EF\\_110518-versaofinal\\_site.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518-versaofinal_site.pdf). Acesso em 10 de agosto de 2021.

CITELLI, Adílson Odair (Org.). **Outras linguagens na escola**. Publicidade, cinema e TV, rádio, jogos, informática. São Paulo: Cortez, 2014.

DEWEY, John. **Arte como experiência**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

FERRÉS, Joan. Pedagogia dos meios audiovisuais e pedagogia com os meios audiovisuais. In: SANCHO, Juana M. **Para uma tecnologia educacional**. Porto Alegre, RS: ARTMED, 1998. p. 127-155.

FREIRE, Paulo; GUIMARÃES, Sérgio. **Educar com a mídia: novos diálogos sobre educação**. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

HASLINGER, Evelin de Oliveira; SAGGIN, Livia; ALBUQUERQUE, Marina Zoppas de. **Educomunicação e suas áreas de intervenção: novos paradigmas para o diálogo intercultural**. Organização: Ismar de Oliveira Soares, Claudemir Edson Viana, Jurema Brasil Xavier. São Paulo: ABPEducom, 2017.

KAPLÚN, Mario. Processos educativos e canais de comunicação. In: CITELLI, Adílson Odair; COSTA, Maria Cristina Castilho. **Educomunicação: construindo uma nova área de conhecimento**. São Paulo: Paulinas, 2011.

NAGAMINI, Eliana. **Literatura, televisão e escola: estratégias para leitura de adaptações**. São Paulo: Cortez, 2004.

PRETTO, Nelson De Luca, 1954 - **Uma escola sem/com futuro: educação e multimídia**. Apresentação - Ismar de Oliveira Soares. - 8. ed. rev. e atual. - Salvador: EDUFBA, 2013.